



# Teses sobre tradução: um *órganon* para o momento atual

Lawrence Venuti

Tradução para o português do Brasil: Leonardo Santos Crespo

Revisão: Wagner Monteiro (Núcleo Pío Baroja de Tradução da Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

## Apresentação

O artigo traduzido aqui, originalmente publicado na *Flugschriften*, em 2019, apresenta uma síntese relevante de como Lawrence Venuti vê a teoria da tradução nas últimas décadas. Venuti discute a impossibilidade da prática de tradução sem teoria e apresenta brevemente as possibilidades de avaliar uma tradução literária. Distanciando-se de qualquer relativismo sobre o que vem a ser uma boa tradução literária, o autor problematiza os erros cometidos tanto por tradutores iniciantes, como por experientes, sublinhando que problemas linguísticos são inevitáveis ao longo do processo. Finalmente, Venuti critica o mercado editorial atual, afirmando que a tradução literária tende a aderir aos dialetos padrão, à legibilidade, fluência e transparência, o que acaba por corroborar o prestígio das nações hegemônicas.

**Artigo original pode ser acessado neste link:** VENUTI, Lawrence. Theses on Translation: An Organon for the Current Moment. *Flugschriften*, Pittsburgh; New York, n. 5, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://flugschriften.com/wp-content/uploads/2020/07/flugschriften-5-lawrence-venuti-theses-on-translation-v.2.0.pdf>.

**Ao citar esta tradução, referenciar como:** VENUTI, Lawrence. Teses sobre tradução: um *órganon* para o momento atual. Traduzido por Leonardo Santos Crespo. *Matraga*, v. 32, n. 66, p. 515-525, set./dez. 2025.

**DOI:** 10.12957/matraga.2025.93675

**Recebido em:** 02/03/2025

**Aceito em:** 22/08/2025



## Teses sobre tradução: um *órganon* para o momento atual

### 1

Nenhuma prática pode ser performada sem a suposição de conceitos teóricos que podem tanto habilitá-la quanto restringi-la. Nenhuma teoria pode ser formulada sem se considerar a materialidade da prática, suas formas e procedimentos particulares que permitem a produção de conceitos precisos em tese e efetivos em aplicação<sup>1</sup>. A teoria da tradução constitui parâmetros conceituais a partir dos quais os problemas práticos são articulados e soluções são descobertas. Mas os parâmetros dão origem apenas aos problemas e soluções que são especificamente determinados pelos conceitos que delimitam os parâmetros. Outros problemas, aqueles não tão determinados, são excluídos.

A teoria da tradução pode levar ao desenvolvimento de práticas de tradução inovadoras, enquanto as práticas de tradução podem levar à formulação de conceitos teóricos inovadores. Teoria sem aplicação prática involui ao teorismo, uma fetichização da especulação que reduz a tradução à abstração. Prática sem reflexão teórica involui ao praticismo, uma fetichização de resolução de problemas que reduz a tradução às escolhas verbais individuais. Ambos os extremos acabam por transcender ou reprimir a situação cultural e o momento histórico que determinam a natureza e a significação de um texto traduzido. Tal transcendência promove um presentismo que mantém o status quo tanto na tradução quanto na cultura receptora, por falhar em estabelecer uma base histórica para criticá-los. O recurso à história pode desenvolver uma oposição crítica ao presente que não é redutível às contradições ideológicas que dividem a conjuntura atual, mas procuram imaginar o que talvez possa ser no futuro.<sup>2</sup>

### 2

Qualquer interpretação julga, implicitamente, que tal texto é digno de interpretação, apagando a distinção entre fato e valor, afirmando que a análise é, também, valoração — ainda que tal valor se prove negativo.<sup>3</sup> Nenhum texto é diretamente acessível sem a mediação da interpretação, tanto performado pelo leitor num primeiro encontro quanto precedido por uma experiência que o molda ou se infiltra nele. Além do mais, todo texto varia em forma, significado e efeito

<sup>1</sup> Cf. Jacques Derrida, *Theory and practice*, trad. David Wills, ed. Bennington and Peggy Kamuf (Chicago: University of Chicago Press, 2019): “pode-se ter certeza de que toda vez que se tenta atravessar a borda [déborder] da oposição teoria/prática, isso será feito com um gesto que será por vezes análogo a uma prática, por vezes a uma teoria, por vezes ambos” (p. 86).

<sup>2</sup> Uma reformulação do conceito marxista de historicidade de Frederic Jameson: “não somos nós que julgamos o passado, mas sim o passado, a diferença radical de outros modos de produção (e mesmo do passado imediato dos nossos próprios modos de produção), que nos julgam, impondo um doloroso conhecimento do que não somos, do que não mais somos, do que ainda não somos.” Ver Jameson, “Marxist and Historicism”, *New Literary History* 11/1 (1979): 41-73, p. 70.

<sup>3</sup> Barbara Herrnstein Smith, *Contingencies of Value: Alternative Perspectives for Critical Theory* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988), p. 10-11.

de acordo com os contextos que o situam, de modo a abarcar múltiplas e conflitantes interpretações, seja no mesmo ou em distintos períodos históricos.<sup>4</sup>

Para tanto, qualquer texto fonte chega ao processo de tradução já mediado pelas práticas interpretativas que o posicionam numa rede de significação. Algumas dessas práticas originam-se na cultura fonte, ao passo que outras se localizam na cultura alvo. Assim que o tradutor começa a ler o texto fonte, este é novamente mediado, isto é, interpretado, e o tradutor mira em duas direções ao mesmo tempo, respondendo não somente a cultura e língua de origem, como as suas próprias. A interpretação inscrita na tradução, contudo, pende, por fim, à situação alvo. A tradução é fundamentalmente assimilacionista.

### 3

Analisar/avaliar uma tradução por simplesmente compará-la com seu texto fonte é um ato, simultaneamente, de autoilusão e autoindulgência. A comparação sempre deve ser medida por interpretantes<sup>5</sup>, elementos que promovem um forte ato interpretativo, mas que costumam não ser reconhecidos pelo analista/avaliador. Eis, então, a autoilusão. Os interpretantes começam com um conceito de equivalência, uma relação de correspondência que a tradução pode e deve estabelecer com o texto fonte. Esse conceito usualmente estipula um segmento de texto como unidade de tradução, que pode ser desde uma palavra individual a um parágrafo ou capítulo, até mesmo o texto inteiro. Assim, o texto fonte é fixado na forma, significado ou efeito para criar uma base a fim de se medir se a unidade de tradução comparada é equivalente. Finalmente, um código ou tema é aplicado para determinar aquilo que é compartilhado pelas respectivas unidades, mas esses códigos contribuem para a interpretação do texto fonte pelo analista/avaliador. Os interpretantes que permitem a comparação eliminam as possibilidades interpretativas que dependem de um diferente conceito de equivalência, de uma distinta unidade de tradução e de um código alternativo. Frequentemente, a interpretação do analista/avaliador é, ao mesmo tempo, suprimida e privilegiada pela suposição de direto acesso ao texto fonte. Eis, enfim, a autoindulgência.

### 4

Desde a Antiguidade, ao redor do mundo, o pensamento sobre a tradução tem sido dominado por um modelo instrumental: a tradução é concebida como a reprodução ou transferência de um invariante, contida ou causada pelo texto fonte, uma forma de invariante, um sentido ou

<sup>4</sup> Tais proposições recapitulam os conceitos de “inscription” [inscrição] e “iterability” [iterabilidade] de Jacques Derrida; ver “Violence and Metaphysics: An Essay on the Thought of Emmanuel Levinas,” *Writing and Difference*, trad. Alan Bass (Chicago: University of Chicago Press, 1978), p. 115, e “Signature Event Context,” *Margins of Philosophy*, trad. Alan Bass (Chicago: University of Chicago Press, 1982), p. 320.

<sup>5</sup> O termo “interpretante” é adaptado de Charles S. Peirce, *The Writings of Charles S. Peirce: A Chronological Edition, 1867-1871*, ed. Edward C. Moore (Bloomington: Indiana University Press, 1984), 2:53-54; Umberto Eco, *A Theory of Semiotics* (Bloomington: Indiana University Press, 1976), p. 15, 69-71; e Eco, “Peirce’s Notion of Interpretant”, *MLN* 91 (1976): 1457-1472.



um efeito. Na Antiguidade, o invariante era embasado numa verdade sagrada, ou na consagração na língua ou cultura fonte; subsequentemente, torna-se secularizado como uma essência metafísica.

Ainda assim, o invariante não existe. Se qualquer texto pode comportar, potencialmente, interpretações infinitas, então, qualquer texto pode ser traduzido, potencialmente, de maneiras infinitas. Um modelo hermenêutico de tradução, portanto, emergente no início do século XIX e submetido a diversas permutações desde então, mostra-se compreensivo e incisivo. Tal modelo entende a tradução como um ato interpretativo que varia em forma, significado e efeito do texto fonte, de acordo com os interesses e integridades da situação alvo. O modelo valida, então, as diferenças linguísticas e culturais que a tradução é implementada para resolver, mas, inevitavelmente, as prolifera. É capaz, ainda, de não somente abranger as diversas condições sob as quais tal tradução é produzida e recebida, mas também de delinear distinções precisas entre elas.

A tradução é imitativa e, ainda, transformativa. Ela pode e, frequentemente, estabelece uma correspondência semântica e uma aproximação estilística com o texto fonte. Todavia, essas relações nunca devolvem o texto intacto. Qualquer texto é um complexo artefato cultural, comportando significados, valores e funções que são inseparáveis de sua língua e cultura originárias. A tradução interpreta um processo de significado e recepção de um texto fonte por criar outro processo semelhante, abarcando significados, valores e funções que são impartíveis de sua língua e cultura alvo. A mudança é inevitável.

Assim, a incomensurabilidade ocorre e permanece, muitas vezes, desafetada pela tradução. Este fato, contudo, não aceita queixas de intraduzibilidade.<sup>6</sup> Tais queixas assumem, necessariamente, uma concepção do que é tradução, como deve ser performada, o que deve colher. Esta concepção é um modo instrumental de tradução, introduzindo um invariante que deve, mas não pode ser reproduzido. Caso qualquer texto possa ser interpretado, de todo modo, qualquer texto pode ser traduzido.

## 5

O tradutor trabalha com a alternância entre unidades do texto fonte, partindo da palavra, mas levando em conta unidades maiores e ziguezagueando entre elas. Não somente durante este ziguezague, mas tanto antes como depois, principiando pela própria escolha do texto a ser traduzido, o tradutor inscreve uma interpretação por aplicar uma intrincada série de interpretantes, formais ou temáticos. Interpretantes formais são estruturais. Neles, estão inclusos: a edição, que varia da escolha de uma versão publicada do texto fonte, como pela averiguação das variantes do texto fonte, até a elaboração de paratextos para a tradução; um conceito de equivalência a ser revisto pela articulação do tradutor de diferentes problemas interpretativos no curso do proje-

<sup>6</sup> Para exemplos recentes, ver Barbara Cassin, ed., *Vocabulaire européen des philosophies: Dictionnaire des intraduisibles* (Paris: Seuil, 2004); Cassin, ed., *Dictionary of Untranslatables: A Philosophical Lexicon*, trad. Steven Rendall, Christian Hubert, Jeffrey Mehlman, Nathaneal Stein, e Michael Syrotinski, trad. ed. Emily Apter, Jacques Lezra, and Michael Wood (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2014); e Apter, *Against World Literature: On the Politics of Untranslatability* (London: Verso, 2013).

to; um estilo relacionado a um gênero ou discurso. Interpretantes temáticos são códigos. Estão inclusos neles: uma interpretação do texto fonte que é formulada em comentário, independentemente da tradução; uma ideologia definida por um conjunto de valores, crenças e representações que são afiliadas aos interesses de um grupo social específico; e a função que se atribui, no mundo, ao tradutor é servir. Interpretantes formais e temáticos podem ser determinadas reciprocamente: um elemento estilístico, como a terminologia, pode comportar uma interpretação independente, uma ideologia, ou uma função, e vice-versa.

Interpretantes são aplicados na tradução de qualquer gênero, ou tipo de texto, em qualquer campo ou disciplina — humanística, pragmática ou técnica. Toda tradução, em qualquer lugar e a qualquer momento, pode ser entendida como um ato interpretativo.

## 6

Interpretantes são derivados de materiais preexistentes tanto na cultura fonte como na alvo. Contudo, eles, por fim, assimilam a cultura fonte ao que é inteligível e interessante aos receptores — caso contrário, a tradução resultante deixa de ser viável.

Os materiais preexistentes consistem de formas e práticas culturais: padrões de uso na língua de tradução, no passado e presente, normatizadas ou desviantes; tradições ou convenções de composições produtivas originais, incluindo estilos, gêneros e discursos; tradições e convenções de comentários e práticas de tradução, incluindo conceitos teóricos e práticas estratégicas; padrões de recepção, tanto históricos quanto recentes, incluindo traduções prévias do trabalho do autor do texto fonte, como outros autores da mesma língua; e valores, crenças e representações que adquiriram força ideológica. Interpretantes são seletivos em sua derivação de tais materiais, imitativa e transformadora, até deliberadamente revisionista.

A tradução é autorreflexiva, mas o tradutor não a exercita sob um completo controle consciente.<sup>7</sup> Derivar interpretantes e aplicá-los durante a tradução são ações intencionais. Mas os tradutores acumulam regras e recursos, estratégias e soluções, algumas que podem surgir consigo, enquanto outras não. E esse repertório, tanto individual como transindividual, tende a recuar a um estado pré-consciente, capaz de formulação, retornando, assim, à consciência, mas de modo intuitivo, muitas vezes espontâneo, sem reflexão crítica. O tradutor, de alguma forma, é incapaz de reconhecer toda condição que determina a produção de uma tradução. Nem mesmo consegue o tradutor antecipar toda consequência, particularmente pela facilitação da circulação e recepção de qualquer tradução, por conta de uma rede complexa de agentes, práticas e mídias. Condições não reconhecidas e não antecipadas constituem a inconsciência do tradutor, que é, em si, psicológica e política, uma reserva pessoal fortemente determinada por desejos coletivos.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Uma consideração sobre a agência do tradutor que se nota em Anthony Giddens, *Central Problems in Social Theory: Action, Structure, and Contradiction in Social Analysis* (Berkeley: University of California Press, 1979), cap. 2.

<sup>8</sup> A tradução também pode ser pensada junto a Fredric Jameson, *The Political Unconscious: Narrative as a Socially Symbolic Act* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1980).



## 7

Tradutores tanto podem como cometem erros que, apesar de uma cuidadosa revisão, passam despercebidos. Tradutores iniciantes podem construir mal os aspectos sintáticos e lexicais do texto fonte por pura inexperiência, ou por ausência de uma consulta pertinente aos trabalhos de referência. Tradutores experientes podem evitar erros linguísticos quando estão preocupados com uma questão etimológica, por uma derivação deliberada do texto fonte, reescrevendo-o com o esforço de inscrever uma interpretação específica. Ainda assim, é fato que o tradutor, em qualquer nível de competência, até mesmo o mais reconhecido, pode cometer um erro linguístico sem percepção ou detecção. O erro, aqui, pode ser motivado inconscientemente: uma unidade do texto fonte pode provocar algum desejo ou ansiedade do tradutor, que, por sua vez, é imediatamente reprimida, deixando apenas o desliz como traço de sua existência. Esse erro pode ser altamente determinado pelo prestígio da língua ou do texto fonte, ou do autor em relação à situação cultural e ao momento histórico da produção da tradução. Como resultado, o desliz cresce como desafio ou interrogação pelo tradutor, seja uma rivalidade emulativa que constrói uma identidade autoral, sempre gerada, ou um conflito ideológico que expressa as aspirações utópicas da vida social.<sup>9</sup> O que permanece de mais notável sobre os erros de tradução são suas capacidades de fazerem sentido ao leitor e, assim, não serem notados.

## 8

Interpretantes, tais quais os materiais culturais de onde derivam, são posicionados em hierarquias de prestígio ou autoridade presentes nas instituições sociais. Tais hierarquias definem a atual conjuntura na situação alvo, enquanto as instituições regulam como e em que nível elas mudam.<sup>10</sup> A hierarquia de formas e práticas variam não somente entre períodos históricos, mas também em um só, por meio de diferentes circunscrições.

Interpretantes que são ocupantes de uma posição dominante são revestidos de canonicidade, possuindo um capital que pode ser cultural, simbólico e econômico.<sup>11</sup> Eles permitem que uma tradução circule em larga escala por fazê-la compreensível em termos de leitura, aculturando o texto fonte para aquilo que é mais familiar e mais valorizado na situação alvo. Interpretantes que ocupam posições subordinadas ou marginais podem ser residuais, partindo de períodos prévios, ou emergentes, formando-se de materiais inovadores que ainda não atingiram grande aceitação, e estes podem ser estigmatizados em múltiplos graus por ideologias dominantes.<sup>12</sup> Interpretantes marginais limitam a circulação de uma tradução por demandarem um maior

<sup>9</sup> Este ponto evoca Eve Kosofsky Sedgwick, *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire* (New York: Columbia University Press, 1985), p. 1-5, 21-27, e Jameson, *The Political Unconscious*, p. 281-299.

<sup>10</sup> [N.T.] Cf. O conceito de “linguistic conjuncture” [conjuntura linguística] de *The Violence of Language* (London: Routledge, 1990), p. 201-208. Ver também Frank Kermode, “Institutional Control of Interpretation”, *Salmagundi* 43 (Winter 1979): 72-86.

<sup>11</sup> Ver Pierre Bourdieu, “The Forms of Capital,” trad. Richard Nice, em John G. Richardson, ed., *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (Westport, CT: Greenwood, 1986), p. 241-258.

<sup>12</sup> Essas distinções desenvolvem-se em Raymond Williams, “Base and Superstructure in Marxist Cultural Theory,” *Problems in Materialism and Culture: Selected Essays* (London: Verso, 1980), p. 31-49.

processo cognitivo, aculturando o texto fonte naquilo que lhe é menos familiar e menos valorizado. Contudo, essa infamiliaridade pode registrar a estrangeiridade do texto fonte, sua diferença linguística e cultural, apesar de somente ser indireta. A estrangeiridade na tradução é uma construção, basicamente tendenciosa, um estrangeirismo, mediado pelos materiais da cultura alvo e oposta ao que é dominante.

A interpretação do tradutor intervém inescapavelmente à sua conjuntura, validando ou desafiando culturas hierárquicas. Aplicar interpretantes marginais é ético ao questionar o domínio de práticas e formas canônicas sobre textos e culturas estrangeiras. Aplicar interpretantes dominantes pode ser antiético quando se mantem o status quo e nenhuma diferença é registrada.

## 9

Atualmente, ao redor do mundo, a tradução de línguas tende a aderir aos dialetos correntes padrões. Essa tendência é aparente em vários tipos de textos, humanísticos, pragmáticos e técnicos, independentemente dos textos e das línguas fonte, apesar de textos técnicos ou pragmáticos terem termos não-padronizados, como jargões. O dialeto corrente é a forma mais imediatamente acessível de se traduzir uma língua, e, quando aplicado às traduções de grande fluência, contribui à ilusão da transparência. Assim, a tradução não parece uma tradução, antes, o texto fonte. Tradutores são desencorajados de implementar uma grande variedade de dialetos, estilos, e discursos por editores, agências, clientes, acadêmicos, instrutores, revisores ou leitores — quem quer que seja a audiência projetada de uma tradução. No lugar, formas e práticas dominantes são impostas, a fim de tornar as traduções facilmente legíveis, isto é, consumíveis ao mercado, da maneira mais comodamente uniforme possível.

Os tradutores não devem ser encorajados a abandonar a legibilidade, fluência e transparência, mas a expandir os parâmetros nos quais tais efeitos são produzidos. Essa expansão não deve ser arbitrária; deve levar em conta, escrupulosamente, os aspectos linguísticos do texto fonte em relação às hierarquias culturais na situação alvo, estabelecendo uma necessidade para a interpretação do tradutor. Desviar-se dos materiais dominantes, como o dialeto padrão, permite que o tradutor assuma a responsabilidade quanto à inevitável transformação levantada pela tradução, na medida em que tais desvios qualificam ou limitam a dominância intercultural na situação alvo. Demonstra-se respeito pelo texto fonte ao se cultivar a inovação na língua e na cultura de tradução.

## 10

Línguas e culturas são posicionadas em hierarquias globais de prestígio e os recursos são super ou subvalorizados por várias condições — econômicas e políticas, legais e militares.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Um conceito de “world space” [espaço mundial] que é devedor do trabalho de Pascale Casanova, mas procura restaurar uma noção althusseriana de autonomia relativa de práticas sociais. Ver Casanova, *The World Republic of Letters*, trad. M. B. DeBe-

As hierarquias variam desde a maioria ou dominância em relação às variadas posições subordinadas em que aquelas relativamente minoritárias ou marginais ocupam. Línguas majoritárias, como a inglesa ou a francesa, acumularam tamanho capital a ponto de que suas formas e práticas culturais são objetos de imitação e tradução por línguas minoritárias. Estas, por sua vez, procuram ser traduzidas para línguas majoritárias, a fim de compartilhar seu reconhecimento e capital.<sup>14</sup>

As hierarquias criam um desbalanço nos padrões tradutórios. As línguas majoritárias tendem a ser mais traduzidas, ao passo que traduzem menos do que seus contrapontos minoritários; línguas majoritárias tendem a traduzir mais entre si mesmas, consolidando seus recursos e prestígio, enquanto negam as línguas que possuem diferentes graus de minoridade. As hierarquias podem, também, motivar o modelo de tradução que prevalece em diferentes posições. A suposição hermenêutica de variância pode partir de um desejo minoritário de desenvolvimento e reconhecimento cultural, ou de uma complacência majoritária, com a hegemonia que é cega às suas próprias limitações culturais.<sup>15</sup> A suposição instrumentalista de invariância pode partir de um investimento minoritário num nacionalismo vernacular que subscreve conceitos essencialistas de pureza cultural e originalidade autoral, ou de uma imposição majoritária de imperialismo linguístico que estende a dominação de uma língua majoritária e controla a interpretação inscrita pela tradução.<sup>16</sup>

As funções éticas da tradução também variam de acordo com a distribuição desequilibrada de prestígios e recursos. A tradução ética expõe e preenche, simultaneamente, uma lacuna nas instituições das culturas alvo.<sup>17</sup> O tradutor de uma língua minoritária ultrapassa sua marginalidade por estimular o desenvolvimento cultural através de sua relação com uma cultura majoritária. O tradutor de uma língua majoritária interroga sua dominância por admitir línguas e culturas que foram excluídas.

## 11

As traduções são, há muito, lidas instrumentalmente, como se reproduzissem ou transferissem o texto fonte sem variação. Essa abordagem torna invisível o trabalho de interpretação do tradutor. O tradutor sucumbe à transparência ilusória produzida pela tradução fluente e é,

voise (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2004), e "Literature as a World," *New Left Review* 31 (Jan.-Feb. 2005): 71-90; Louis Althusser, "Contradiction and Overdetermination: Notes for an Investigation," *For Marx*, trad. Ben Brewster (London: Allen Lane, 1969), p. 87-128.

<sup>14</sup> Pascale Casanova, "Consecration and Accumulation of Literary Capital: Translation as Un equal Exchange," trad. Siobahn Brownlie, In: Mona Baker, ed., *Critical Readings in Translation Studies* (Abingdon: Routledge, 2010), p. 287-303.

<sup>15</sup> O primeiro movimento hermenêutico é exemplificado pelo trabalho do poeta e ensaísta catalão J.V. Foix (1893-1987) em seu engajamento multifacetado com as vanguardas modernistas (através de imitações, traduções e comentários); o segundo movimento é exemplificado por *Imitations* (1961), uma coleção de adaptações produzidas pelo poeta estadunidense Robert Lowell (1917-1977).

<sup>16</sup> O escritor nascido na República Tcheca e naturalizado francês, Milan Kundera, exemplifica ambos os movimentos instrumentalistas, a princípio em suas querelas com os tradutores ingleses de seus romances tchecos, e, depois, em sua decisão de escrever em francês no lugar do tcheco, e de revisar suas traduções francesas de seus romances tchecos.

<sup>17</sup> As traduções éticas derivam de Alain Badiou, *Ethics: An Essay on the Understanding of Evil*, trad. Peter Hallward (London: Verso, 2001), p. 67-71.

portanto, oferecida uma posição de sujeito em qualquer determinação ideológica que foi inscrita pela tradução.

Para ler uma tradução como uma tradução, o leitor deve assumir um modelo hermenêutico, como também localizar e processar os sinais do trabalho do tradutor. Não somente o significado deve ser compreendido, facilmente redutível ao texto fonte, mas a forma deve ser criticamente apreciada, os aspectos de registro, estilo e discurso que caracterizam a língua de tradução. Já que tradutores de todo o mundo trabalham sob um regime discursivo que ordena o uso do dialeto padrão corrente, desvios não padronizados podem ser tomados como sintomáticos da intervenção do tradutor. A comparação com o texto fonte é mais reveladora dos interpretantes do tradutor — desde que o leitor se mantenha atento ao fato de que a comparação é baseada em outra interpretação do texto fonte, introduzida pelo leitor, e não no texto em si.

As escolhas verbais do tradutor devem ser vistas como movimentos interpretativos que nuançam as estruturas e significados do texto fonte, como o ponto de vista da narrativa, caracterização, prosódia, imagens, terminologia e argumento, tema e ideologia. A significação desses movimentos é aprofundada quando estão situadas em contextos mais amplos, incluindo outras traduções da língua fonte, composições originais na língua de tradução, e hierarquias globais de línguas e culturas. Uma crítica dialética pode ser iniciada entre os textos de fonte e alvo, em que cada um submete o outro a um exame crítico, expondo seus avanços e limitações. Ao construir esses diversos contextos de interpretação, o leitor aplica um série de interpretantes relevantes que são, em si mesmo, variáveis, na medida em que servem ocasiões interpretativas mutáveis.

## 12

Os próprios tradutores contribuem para a incompreensão e negligência, com as quais a tradução tem sido crescentemente tratada desde o início do século XIX, com o advento de um campo conhecido como estudos de tradução. Suas apresentações consistem geralmente em observações impressionistas de seus trabalhos, de seu valor literário e cultural, na equivalência que acreditam estabelecer com o texto fonte traduzido. Os tradutores assumem uma noção instrumentalista de reprodução imperturbada, que recua, no caso de tradutores literários, ao beletrismo que privilegia a autonomia estética que arrogam ao seus textos. No caso dos tradutores das ciências humanas, ao dogmatismo que privilegia as interpretações dominantes inscritas por eles em seus textos alvo. Aos tradutores técnicos e pragmáticos, recua-se ao funcionalismo que privilegia as soluções mecânicas aplicadas, sem preocupações com os usos sociais a que se coloca a tradução. Cada grupo adota, com efeito, um postura anti-intelectual diante da tradução, resistindo à autoconsciência teórica que pode os permitir criticar e melhorar seu trabalho, como, também, providenciar uma percepção iluminadora de seu ofício aos leitores.

Tradutores podem contestar sua marginalidade aspirando a ser intelectuais escritores. Eles podem adquirir um conhecimento especializado de seu campo e de sua disciplina para engajar com os métodos, tendências e debates que constituem suas práticas. Podem aprender a situar seus projetos em circunscrições teóricas e práticas que não são somente institucionais, como



transnacionais, levando em consideração condições sociais e culturais. Os tradutores podem, também, usar a língua de tradução para registrar, indiretamente e em termos particulares, as diferenças que abrangem as línguas fonte, textos e culturas, os mobilizando por inovações que questionam a hierarquias estruturantes da cultura e das instituições culturais na situação alvo.<sup>18</sup> Como agentes que traficam no estrangeiro, podem escolher trazer à luz um senso de estrangeiridade estratégica à crítica do status quo.

## 13

O termo “tradução cultural” é nada mais que uma tautologia: a tradução é uma prática de mediação entre culturas. Esse termo, por um lado, cinde a linguagem da cultura ao pensar a tradução e, por outro, reprime o meio na qual a tradução ocorre. Assim, não somente o termo desencoraja a reflexão sobre a tradução interlinguística, como fomenta comentários especulativos que ignoram as formas e práticas materiais constitutivas da tradução.

É somente ao trazer tal reflexão para primeiro plano que a tradução pode avançar. Para tanto, o uso frequente de metáforas para a tradução cria, ainda, outro desvio da exploração rigorosa da tradução como uma prática cultural. Se as palavras utilizadas para nomear e descrever a tradução desde a Antiguidade foram, fundamentalmente, metafóricas, se a linguagem em si é metafórica em relação à realidade, construindo analogias que se baseiam em suposições metafísicas<sup>19</sup>, então a formulação não verificada das metáforas é, provavelmente, capaz de ofuscar a tradução por meio de essencialismo.

O uso da tradução como metáfora deve, da mesma forma, ser questionado. O movimento entre tipos variantes de mídia, cada um com suas formas e práticas próprias, convidou a aplicação do termo “tradução”. Performance teatral, adaptação fílmica, *ekphrasis*, edição textual, exibição museológica — essas práticas foram todas tratadas como tradutórias. Todavia, o tratamento não costuma considerar o conceito preciso de tradução em jogo. Frequentemente, esse conceito é instrumentalista.

A metáfora pode ser produtiva, contudo, somente se assumir um modelo hermenêutico que abriga um ato interpretativo, alcançado por meio dos aspectos materiais de um meio particular. Pensar sobre tradução pode, então, iluminar outros campos e disciplinas, como a programação de computadores, lei constitucional, e as relações entre a pesquisa médica, diagnósticos e tratamentos. A tradução é capaz, portanto, de servir como um tropo para trabalhos derivativos, desvelando no processo a natureza derivativa dos materiais fonte ao chamar a atenção para as condições que subjazem, ainda que não expressadas.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Cf. Edward Said, *Representations of the Intellectual* (New York: Random House, 1994).

<sup>19</sup> Ver Jacques Derrida, “White Mythology: Metaphor in the Text of Philosophy”, *Margins of Philosophy*, trad. Alan Bass (Chicago: University of Chicago Press, 1982), p. 207-271.

<sup>20</sup> Cf. o conceito de tradução “abusiva” ou experimentalista, de Phillip E. Lewis, no qual “forçar um sistema conceitual e linguístico do qual se é dependente” acaba “dirigindo uma virada crítica de volta ao texto que se traduz e, em relação ao qual, torna-se uma espécie de inquietação pós-matemática (é como se a tradução procurou ocupar o lugar já inquieto do original e, assim,

## 14

Um modelo de tradução é uma episteme altamente não formulada. Por um lado, pragmática, consistindo em relações fundamentais entre parâmetros e procedimentos de conhecimentos. Por outro, generativa, projetando conceitos teóricos e práticas estratégicas.<sup>21</sup> O modelo instrumental, ao definir a tradução como uma reprodução ou transferência de invariância, a faz transcender no tempo e no espaço, enquanto o modelo hermenêutico, ao definir a tradução como interpretação variável, torna-a contingente em situações culturais específicas em momentos históricos específicos. A aparência de uma oposição binária, contudo, é detratora: essas abordagens concorrentes são ambas interpretações do que a tradução é, na medida que os modelos são construções heurísticas que permitem e restringem o pensamento sobre tradução.

No entanto, para afirmar que toda tradução pode ser entendida como um ato interpretativo e que tal entendimento oferece o relato mais compreensivo e incisivo sobre tradução — não seriam essas alegações tão transcendentais quanto instrumentais e, portanto, igualmente metafísicas?

Não. A contingência atual dessas alegações deve ser reconhecida: elas derivam, a fim de questionar e mudar, da situação contemporânea da teoria e do comentário da tradução, em que o instrumentalismo continua a gozar de tamanha dominância, a ponto de marginalizar o modelo hermenêutico. Qual entendimento da tradução pode emergir no futuro, para revisar ou descartar a ideia de interpretação, constitui o impensado dessas teses.

longe de 'domesticá-lo', o torna um lugar ainda mais estrangeiro para si". Ver Lewis, "The Measure of Translation Effects", em Joseph Graham, ed., *Difference in Translation* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1985), p. 31-62, p. 43.

<sup>21</sup> O termo "episteme" é adaptado de Michel Foucault, *The Order of Things: An Archaeology of the Human Sciences*, trad. anon. (New York: Random House, 1970), p. XI, XXII, 168, e *The Archaeology of Knowledge and The Discourse on Language*, trad. A. M. Sheridan Smith (New York: Random House, 1972), part IV.

